



O guardião do tempo

Mitch Albom





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Este livro sobre o tempo é dedicado a Janine,
que faz com que cada minuto vivido valha a pena.*



PRÓLOGO



1

Um homem senta-se sozinho numa caverna.

Seu cabelo é comprido. A barba desce até os joelhos. Ele apoia o queixo nas mãos em concha.

Fecha os olhos.

Está ouvindo algo. Vozes. Vozes incessantes. Que sobem de uma poça no canto da caverna.

São as vozes das pessoas da Terra.

Elas só querem uma coisa.

Tempo.

Sarah Lemon é uma dessas vozes.

Adolescente de nossa época, está esparramada na cama e olha atentamente para uma foto em seu celular: um rapaz bonito, de cabelos cor de café.

Hoje à noite ela se encontrará com ele. Às oito e meia. Repete o horário, empolgada – *Oito e meia, oito e meia!* –, e pensa no que vestir. Os jeans pretos? A blusinha sem manga? Não. Detesta seus braços. A blusinha sem manga não.

– Preciso de mais *tempo* – diz.

Victor Delamonte é uma dessas vozes.

Homem rico, na casa dos oitenta anos, está sentado num consultório médico. Sua mulher senta-se ao seu lado. Um papel branco cobre a mesa de exames.

O médico fala em voz baixa:

– Não há muito o que possamos fazer.

Meses de tratamento não funcionaram. Os tumores. Os rins.

A mulher de Victor tenta falar, mas as palavras ficam presas. Como se compartilhasse a mesma laringe, Victor pigarreja:

– O que a Grace está querendo perguntar é... quanto *tempo* me resta.

As palavras dele – e as palavras de Sarah – vagueiam até a caverna longínqua e até o homem solitário e barbudo no interior dela. Esse homem é o Pai do Tempo.

Talvez você ache que ele é um mito, um desenho em um cartão de Ano-Novo – idoso, extenuado, segurando uma ampulheta, mais velho do que qualquer um no planeta.

Mas o Pai do Tempo é real. E, na verdade, não pode envelhecer. Por baixo da barba desgrenhada e do cabelo comprido – sinais de vida, não de morte –, seu corpo é esguio e a pele não tem rugas, imune àquilo que ele domina. O tempo.

Houve uma época, antes de deixar Deus enraivecido, em que ele era apenas mais um homem fadado a morrer quando seus dias chegassem ao fim.

Agora, seu destino é diferente: banido para essa caverna, tem que ouvir todos os apelos do mundo – por mais minutos, mais horas, mais anos, mais tempo. Faz uma eternidade que está aqui. Perdeu a esperança. Mas para todos nós há um relógio batendo em algum lugar, em silêncio. E até para ele há um que bate.

O Pai do Tempo logo estará livre.

Para regressar à Terra.

E concluir o que começou.



O COMEÇO



2

Esta é uma história sobre o sentido do tempo.

Ela começa no passado remoto, no alvorecer da história do homem, com um garoto descalço que sobe correndo a encosta de um morro. À sua frente vai uma menina descalça que ele tenta alcançar. Isso é comum entre meninas e meninos.

Para esses dois, é como sempre será.

O nome do menino é Dhor. O da menina é Alli.

Na idade deles, são quase do mesmo tamanho. Têm vozes agudas, cabeleiras firtas e escuras e rostos salpicados de lama.

Ao correr, Alli olha para trás e sorri para Dhor. O que está sentindo são as primeiras palpitações do amor. Ela pega uma pedrinha e a joga bem alto na direção do menino.

Enquanto corre, Dhor conta quantas vezes respira.

Ele é a primeira pessoa da Terra a tentar fazer isto – contar, criar números. Começou casando um dedo com outro, dando a cada par um som e um valor. Em pouco tempo, estava contando tudo o que podia.

Dhor é meigo, uma criança obediente, mas seu pensamento se aprofunda mais do que o daqueles que o cercam. Ele é diferente.

E nessa página inicial da história humana, uma criança diferente pode mudar o mundo.

É por essa razão que Deus o observa.

– Dhor! – grita Alli.

Ele levanta a cabeça e sorri – sempre sorri para Alli – e a pedra cai a seus pés. Ele tem uma ideia.

– Jogue outra! – pede.

Alli a joga bem alto. Dhor conta os dedos, um som para um, outro som para dois...

– Aaaaaiii!

Leva um tranco por trás, de uma terceira criança: Nim, um menino muito maior e mais forte. Nim se vangloria por ter acertado o joelho nas costas de Dhor.

– Eu sou o rei!

As três crianças riem.

E recomeçam a correr.

Tente imaginar a vida sem a contagem do tempo.

É provável que você não consiga. Você sabe o mês, o ano, o dia da semana. Há um relógio na sua parede ou no painel do seu carro. Você tem uma agenda, uma folhinha, um horário para jantar ou assistir a um filme.

À sua volta, porém, a contagem do tempo é ignorada. Os pássaros não se atrasam. O cão não consulta o relógio. Os cervos não se inquietam com aniversários.

Só o ser humano mede o tempo.

Só o ser humano repica o som das horas.

E por isso só o ser humano sofre de um medo paralisante que nenhuma outra criatura suporta.

O medo de que o tempo se esgote.

3

Sarah Lemon teme que o tempo esteja acabando.

Sai do chuveiro e faz as contas. Vinte minutos para usar o secador, meia hora para se maquiar, meia hora para se vestir, quinze minutos para chegar lá. *Oito e meia, oito e meia!*

A porta do quarto se abre. Sua mãe, Lorraine, diz:

– Querida?

– Bata, mamãe!

– Está bem. Toc-toc.

Lorraine olha para a cama. Vê as opções estendidas: duas calças jeans, três camisetas, um suéter branco.

– Aonde você vai?

– A lugar nenhum.

– Vai se encontrar com alguém?

– Não.

– Você fica bem com o suéter br...

– Mãe!

Lorraine suspira. Pega a toalha molhada no chão e se retira.

Sarah se volta para o espelho. Pensa no rapaz. Belisca a gordura em torno da cintura. Eca.

Oito e meia, oito e meia!

Decididamente, não vai usar o suéter branco.

Victor Delamonte teme que o tempo esteja acabando.

Ele e Grace saem do elevador e entram em seu apartamento na cobertura.

– Me dá seu casaco – diz Grace.

Ela o pendura no armário.

O silêncio impera. Victor usa uma bengala para se deslocar pelo corredor, passando na frente de uma grande tela a óleo de um mestre da pintura francesa. Seu abdômen lateja. Devia tomar um comprimido. Entra em seu escritório, cheio de livros e placas, e onde há uma enorme escrivaninha de mogno.

Pensa no médico. *Não há muito o que podemos fazer.* O que significa isso? Meses? Semanas? *Será que é o meu fim?* Esse não pode ser o seu fim.

Ouve o barulho dos saltos de Grace caminhando pelo piso de lajotas. Ouve-a discar o telefone.

– Ruth, sou eu – diz ela.

Ruth é sua irmã.

Grace baixa a voz:

– Acabamos de chegar do médico...

Sozinho em sua cadeira, Victor faz as contas da vida que definha. Sente um suspiro escapar-lhe do peito, como se alguém o fizesse desengasgar. Seu rosto se crispa. Os olhos ficam úmidos.

4

À medida que crescem, as crianças gravitam para seu destino.

Assim foi com Dhor, Nim e Alli, as três crianças naquela encosta de morro.

Nim ficou alto e espadaúdo.

Carregava tijolos de barro para o pai, um construtor. Gostava de ser mais forte do que os outros meninos. O poder tornou-se a fascinação de Nim.

Alli ficou mais bonita.

Sua mãe a aconselhou a manter o cabelo preto trançado e os olhos baixos, para que sua beleza não estimulasse desejos ruins nos homens. A humildade tornou-se o casulo de Alli.

E Dhor?

Bem, Dhor tornou-se um medidor de coisas. Fazia marcas em pedras, entalhes em pauzinhos, e dispunha gravetos, seixos e qualquer coisa que pudesse contar. Ficava muitas vezes com ar sonhador, pensando em números, e os irmãos mais velhos o deixavam para trás quando iam à caça.

Então, Dhor subia as colinas com Alli, e o pensamento corria à frente dele, fazendo-lhe sinal para que o acompanhasse.

E assim, numa manhã de calor, aconteceu uma coisa estranha.

Dhor, já adolescente pela contagem humana dos anos, sentou-se no chão e fincou uma vareta na terra. O sol estava forte, e o jovem notou a sombra do graveto.

Pôs uma pedra na ponta da sombra. Cantarolou consigo mesmo. Pensou em Alli. Os dois eram amigos desde pequenos, mas agora ele estava mais alto, e ela, *mais suave*. Dhor sentia uma fraqueza quando os olhos baixos da adolescente se levantavam para encontrar os seus. Era como se alguém o derrubasse.

Passou uma mosca voando e interrompeu seu devaneio.

– Sai! – disse ele, enxotando-a.

Ao olhar de novo para a vareta, viu que sua sombra já não chegava à pedra.

Dhor esperou, mas a sombra foi ficando ainda menor, porque o sol moveu-se no céu. Ele resolveu deixar tudo como estava e voltar no outro dia. E, no dia seguinte, quando o sol lançasse uma sombra que chegasse exatamente à pedra, esse momento seria... *o mesmo momento de hoje*.

Na verdade, ele raciocinou, será que todos os dias continham um momento desses? Um momento em que a sombra, a vareta e a pedra se alinhavam?

Ele o chamaria de momento da Alli, e pensaria nela todos os dias quando isso acontecesse.

Deu um tapinha na testa, orgulhoso de si mesmo.

E foi assim que o homem começou a marcar o tempo.

A mosca voltou.

Dhor tornou a espantá-la. Só que, dessa vez, ela se esticou numa sombra comprida e negra, que se abriu num bolsão de trevas.

Delas saiu um ancião, usando uma túnica branca.

Os olhos de Dhor se arregalaram de medo. Ele tentou correr, gritar, mas nada em seu corpo respondeu.

O ancião segurava um cajado de madeira dourada. Tocou a vareta solar de Dhor, e ela se elevou do chão e se transformou numa fileira de vespas. As vespas criaram um novo fio de escuridão, que se abriu como uma cortina descerrada.

O ancião a atravessou.

E desapareceu.

Dhor fugiu correndo.

Nunca falou com ninguém sobre essa visita.

Nem mesmo com Alli.

Não até o final.

Sarah encontra o tempo numa gaveta.

Abre-a para procurar seus jeans pretos e, em vez das calças, escondido quase no fundo da gaveta, descobre seu primeiro relógio – um modelo Swatch roxo, com pulseira de plástico. Os pais lhe deram de presente quando fez doze anos.

Dois meses depois, estavam divorciados.

– Sarah! – grita a mãe, do térreo.

– *O que é?* – grita ela de volta.

Depois da separação, Sarah ficou com Lorraine, que culpava Tom, o ex agora ausente, por tudo de errado que sucedia. Quando a mãe falava, Sarah acenava com a cabeça, em solidariedade. De certo modo, porém, as duas continuavam a esperar por ele: Lorraine, para que o marido admitisse estar errado, e Sarah, para que o pai a resgatasse. Nenhuma das duas coisas aconteceu.

– *O que é, mãe?* – Sarah torna a gritar.

– Você precisa do carro?

– Não preciso do carro.

– *O quê?*

– Não preciso do carro!

– Aonde você vai?

– A lugar nenhum!

Sarah verifica o relógio roxo, que ainda funciona: são 18h59.

Oito e meia, oito e meia!

Fecha a gaveta e grita para si mesma:

– Concentre-se!

Onde estão os jeans pretos?

Victor encontra o tempo numa gaveta.

Tira dela a sua agenda. Verifica a programação do dia seguinte, que inclui uma reunião de diretoria às dez horas da manhã, uma conferência telefônica às duas da tarde e um jantar às oito da noite, com um executivo brasileiro cuja empresa Victor está comprando. Do jeito que se sente agora, terá sorte se conseguir levar um desses compromissos até o fim.

Engole um comprimido. Ouve a campainha. Quem será, nesse horário? Escuta Grace caminhar pelo corredor. Vê a foto do casamento sobre a escrivaninha, os dois muito jovens, muito saudáveis, nada de tumores, de insuficiência renal.

– Victor?

Ela está na porta do escritório com um homem de uma empresa de serviços, que empurra uma grande cadeira de rodas.

– O que é isso? – pergunta Victor.

Grace força um sorriso:

– Nós tínhamos decidido, você lembra?

– Ainda não preciso dela.

– Victor.

– *Não preciso dela!*

Grace olha para o teto.

– Deixe a cadeira aí – diz ao homem da firma.

– No corredor – instrui Victor.

– No corredor – repete Grace.

Ela acompanha o homem até a saída.

Victor fecha a agenda e esfrega o abdômen. Pensa no que o médico disse.

Não há muito o que possamos fazer.

Ele tem que fazer *alguma coisa*.

6

Dhor e Alli se casaram.

Subiram ao altar numa noite cálida de outono. Trocaram presentes. Alli usou um véu. Dhor derramou perfume sobre a cabeça dela e declarou: “Alli é minha mulher. Encherei seu colo de prata e ouro.” Era assim que se fazia em sua época.

Dhor teve uma sensação tranquilizadora de calor ao dizer essas palavras, *Alli é minha mulher*, porque, desde pequenos, Alli era como o sol para ele, sempre por perto. Só Alli conseguia desviá-lo de suas contagens. Só Alli sabia levar-lhe água do grande rio, sentar-se a seu lado e cantarolar melodias suaves. Ele bebericava água do copo e nem percebia por quanto tempo a olhava fixamente.

E agora estavam casados, o que o deixava feliz. Nessa noite, ele observou uma lua crescente por entre as nuvens e usou-a para marcar aquele momento, a luz da noite em que os dois se uniram.

Dhor e Alli tiveram três filhos.

Um filho, uma filha, depois outra filha. Moravam com a família de Dhor, na casa de seu pai, perto de outras três casas de pau a pique. As famílias viviam juntas nessa época – pais, filhos e netos –, todos sob o mesmo teto. Somente ao adquirir riqueza é que um filho se mudava para sua própria casa.

Dhor jamais enriqueceria.

Nunca encheria o colo de Alli de prata e ouro. Todas as cabras, ovelhas e bois pertenciam a seus irmãos ou a seu pai, que muitas vezes lhe batia por ele desperdiçar seus dias em medições tolas. A mãe chorava ao vê-lo debruçado sobre seu trabalho. Achava que os deuses o tinham deixado fraco.

“Por que você não pode se parecer mais com Nim?”, ela perguntava.

Nim tinha se tornado um rei poderoso.

Era dono de grande riqueza e muitos escravos. Começara a construir uma torre enorme e, em certas manhãs, Dhor e Alli passavam por ela com os filhos.

– Você brincava com ele quando era pequeno? – perguntou o filho a Dhor.

O pai fez que sim com um aceno da cabeça. Alli segurou o braço do marido e disse:

– Seu pai era um corredor mais veloz e um alpinista melhor.

Dhor sorriu:

– Sua mãe era mais rápida do que todos nós.

As crianças riram e puxaram as pernas dela.

– Se o seu pai está dizendo, deve ser verdade – afirmou a mãe.

Dhor contou os escravos que trabalhavam na torre de Nim; contou-os até esgotar seus números. Pensou em como tinham sido diferentes os rumos da vida de Nim e da sua.

Nesse dia, mais tarde, Dhor fez entalhes numa tabuleta de barro para marcar o caminho do sol pelo céu. Quando as crianças tentaram pegar seus instrumentos para brincar, Alli afastou gentilmente suas mãos e beijou seus dedos.

À medida que ia ficando mais velho,

Dhor foi brincando com todas as formas de medição do tempo que a ciência, posteriormente, atribuiria a outros.

Muito antes dos obeliscos egípcios, Dhor capturava sombras. Muito antes das clepsidras gregas, ele fazia medições com água.

Viria a inventar o primeiro quadrante solar. Criaria o primeiro relógio e até o primeiro calendário.

“À frente de seu tempo” é a expressão que usamos.

Dhor estava à frente de todos.

Consideremos a palavra “tempo”.

Nós a usamos em inúmeras expressões. Passar tempo. Desperdiçar tempo. Matar tempo. Perder tempo.

No devido tempo. Já não é sem tempo. Dá tempo. Poupar tempo.

Muito tempo. Bem a tempo. Sem tempo. Dar tempo ao tempo. No tempo certo. Ganhar tempo. Marcar tempo. Esticar o tempo.

Há tantas expressões com “tempo” quantos são os minutos do dia.

Mas houve época em que não havia nenhuma palavra para isso. Porque não havia ninguém contando.

E então, Dhor começou a contar.

E tudo se modificou.

Um dia, quando seus filhos já estavam crescidos o bastante para correr sozinhos, subindo as encostas, Dhor recebeu uma visita do rei Nim, seu amigo de infância.

– O que é isso? – perguntou Nim.

Dhor segurava uma vasilha. Havia um buraquinho perto do fundo.

– É um medidor – respondeu Dhor.

– Não, Dhor. – Nim riu. – É uma vasilha inútil. Olhe para esse buraco. Qualquer água que você puser aí dentro vai escorrer.

Dhor não o questionou. Como poderia? Enquanto ele passava os dias com ossos e pauzinhos, Nim liderava ataques a vilarejos vizinhos, apossava-se dos bens das pessoas e declarava que elas deviam segui-lo.

Essa visita era incomum, a primeira em muitas luas. Nim usava um impressionante manto de lã, tingido de púrpura, a cor da riqueza.

– Está sabendo da torre que construímos? – perguntou Nim.

– Não se assemelha a nada que eu já tenha visto – respondeu Dhor.

– Aquilo é só o começo, meu amigo. Ela vai nos levar ao céu.

– Para quê?

– Para derrotar os deuses.

– Derrotá-los?

– Sim.

– E depois?

Nim estufou o peito:

- Depois, governarei lá do alto.
- Dhor desviou os olhos.
- Venha comigo – disse Nim.
- Eu?
- Você é inteligente, eu o conheço desde que éramos crianças. Você não é louco, como os outros dizem. Os seus conhecimentos e essas... coisas... – Apontou para os instrumentos.
- Eles poderiam tornar a minha torre mais sólida, não é?
- Dhor encolheu os ombros.
- Mostre-me como funcionam – pediu Nim.

Durante o resto da tarde, Dhor explicou suas ideias.

Mostrou a Nim como a sombra da vareta do sol se alinhava com suas marcas, e como os entalhes na vareta dividiam o dia em partes. Expôs sua coleção de pedras que mapeavam as fases da lua.

Nim não compreendeu a maior parte do que Dhor disse. Balançou a cabeça negativamente e insistiu em que o deus do sol e o deus da lua travavam uma batalha constante, o que explicava sua ascensão e queda. O importante era o poder. E era o poder que o esperava, quando a torre estivesse concluída.

Dhor escutou, mas não pôde imaginar Nim tomando as nuvens de assalto. Que probabilidade teria ele?

Terminada a conversa, Nim pegou uma das varetas solares.

– Vou levar isto – disse.

– Espere...

Nim encostou-a no peito:

– Faça outra. Leve-a quando for me ajudar na torre.

Dhor baixou os olhos:

– Não posso ajudá-lo.

Nim rangeu os dentes:

– Por que não?

– Tenho meu trabalho.

Nim riu e perguntou:

– Fazer buracos em tigelas?

– É mais do que isso.

– Não vou perguntar de novo.

Dhor não disse nada.

– Como quiser – falou Nim, soltando a respiração. Dirigiu-se à porta. – Mas você terá que sair da cidade.

– Sair?

– Sim.

– E ir para onde?

– Isso não me diz respeito. – Nim examinou os entalhes na vareta do sol. – Mas vá para longe. Se não o fizer, meus homens o obrigarão a ir para a torre... assim como farão com os outros.

Passou pelas tigelas, levantou a que tinha o buraquinho, virou-a de boca para baixo e balançou a cabeça:

– Jamais esquecerei a nossa infância – disse. – Mas não voltaremos a nos ver.

Sarah Lemon está ficando sem tempo.

São 19h25 e os jeans pretos, que Sarah finalmente encontrou na máquina de lavar, estão rodando dentro da secadora à temperatura máxima, e seu cabelo está tão rebelde que ela tem vontade de cortá-lo. Sua mãe já voltou duas vezes ao seu quarto, na segunda segurando uma taça de vinho, e opinou sobre a maquiagem da filha. (“Tá, mãe, já entendi”, disse a garota, dispensando-a.) Sarah escolheu uma camiseta cor de framboesa, as calças jeans pretas – *se algum dia elas secarem!* – e as botas pretas de salto alto. O salto fará com que pareça mais magra.

Deve encontrar-se com o rapaz na porta de uma loja de conveniência – *Oito e meia, oito e meia!* –, e talvez eles comam alguma coisa, ou vão a algum lugar. Como ele quiser. Até agora, só se encontraram nas manhãs de sábado, num abrigo em que trabalham. Mas Sarah insinuou várias vezes que poderiam sair juntos, até que, na semana anterior, ele finalmente disse: “É, legal, quem sabe na sexta?”

Agora é sexta-feira e ela sente calafrios. Nunca um garoto como aquele – popular, bonito – havia prestado atenção nela. Quando está com ele, Sarah quer que os minutos andem mais devagar, mas, até o momento de encontrá-lo, não vê a hora de passarem.

Olha para o espelho:

– Droga de cabelo!

Victor Delamonte está ficando sem tempo.

São 19h25. Os escritórios da costa leste devem estar fechados, mas não os da costa do Pacífico.

Ele pega o telefone. Disca para um local de fuso horário diferente. Pede o Departamento de Pesquisas. Enquanto espera, corre os olhos pelos livros nas prateleiras da estante e faz um inventário mental: *Li. Nunca li. Nunca li...*

Se usasse cada um dos minutos que o médico disse que lhe restam, não conseguiria terminar todos aqueles livros. E este é só um cômodo. De uma casa. Inaceitável. Ele é rico. Tem que fazer alguma coisa.

– Departamento de Pesquisa – diz uma voz feminina.

– Aqui é o Victor.

– Sr. Delamonte? – a voz soa nervosa. – Em que posso ajudá-lo?

Ele pensa em Grace e na cadeira de rodas que ela encomendou. Não vai desistir tão facilmente.

– Quero que você cuide imediatamente de uma coisa. E me mande tudo que encontrar.

– Com certeza. – A pesquisadora se prepara para digitar. – Qual é o assunto?

– Imortalidade.

Depois da visita de Nim, Dhor e Alli subiram uma encosta para assistir ao pôr do sol.

Faziam isso quase todo anoitecer, relembrando os dias da infância em que corriam um atrás do outro. Dessa vez, porém, Dhor ficou calado. Levou diversas vasilhas e um jarro de água. Quando se sentaram, contou a Alli sobre a visita de Nim. A mulher desatou a chorar.

– Mas para onde nós iremos? – perguntou. – Aqui é nossa casa, aqui está nossa família. Como vamos sobreviver?

Dhor baixou os olhos.

– Você quer que eu seja escravo naquela torre?

– Não.

– Então, não temos alternativa.

Dhor tocou nas lágrimas da mulher e as enxugou.

– Estou com medo – murmurou Alli.

Envolveu o marido nos braços e apoiou a cabeça em seu ombro. Fazia isso todas as noites, e, como a maioria das suas pequenas demonstrações de amor, essa tinha grande impacto. Dhor sentia uma onda de calma sempre que Alli o abraçava, como se fosse embrulhado numa manta, e sabia que nenhuma outra pessoa jamais o amaria ou compreenderia como sua mulher. Aninhou o rosto no cabelo comprido e negro de Alli e respirou como nunca respirava, a não ser quando estava com ela.

– Eu a protegerei – prometeu.

Passaram muito tempo sentados, contemplando o horizonte.

– Olhe – murmurou Alli.

Ela adorava as cores do ocaso, os tons de laranja, rosa-claro, vermelho intenso.

Dhor levantou-se.

– Aonde você vai? – perguntou Alli.

– Preciso fazer uma experiência.

– Fique comigo.

Mas Dhor foi na direção das pedras. Colocou água numa tigela pequena e colocou outra, grande, embaixo. Retirou um pedaço de barro que tapava um buraco na tigela superior – aquela de que Nim tinha zombado – e a água começou a pingar, uma gota silenciosa após outra.

– Dhor? – murmurou Alli.

Ele não levantou a cabeça.

– Dhor?

Alli abraçou os joelhos. O que aconteceria com eles?, pensou. Para onde iriam? Baixou a cabeça e fechou os olhos com força.

Se houvesse alguém registrando a história, escreveria que, no momento em que um homem inventou o primeiro relógio do mundo, sua mulher estava sozinha, chorando baixinho, enquanto ele era consumido pela contagem.

Dhor e Alli permaneceram na encosta nessa noite.

Ela dormiu. Mas ele lutou contra o cansaço, para estar acordado quando o sol nascesse. Viu o céu passar do negrume da noite para o roxo-escuro e o azul-esmaecido. Então, uma ex-

plosão de raios pareceu branquear tudo, quando a cúpula do sol espiou por cima da linha do horizonte, como a pupila dourada de um olho que se abrisse.

Se fosse mais sábio, Dhor teria se deslumbrado com a beleza do alvorecer e dado graças por poder testemunhá-la. Mas ele não estava pensando no milagre do dia, apenas em medir sua duração. Quando o sol apareceu, ele tirou a tigela grande de baixo da que pingava, pegou uma pedra afiada e fez uma marca na linha-d'água.

Isso, ele concluiu – essa quantidade de água –, era a medida entre as trevas e a luz. De agora em diante, ninguém mais precisaria rezar para que o deus sol retornasse. As pessoas poderiam usar esse relógio de água, ver o nível dela subindo, e saber que se aproximava o amanhecer. Nim estava errado. Não havia batalha divina entre o dia e a noite. Dhor capturara os dois numa tigela.

Jogou fora a água.

Deus também viu isso.

Sarah está nervosa.

Ela desce a escada depressa, com seus jeans ainda mornos. Sente uma onda de pânico. Lembra-se de uma noite, dois anos antes – uma das poucas vezes em que saiu com um garoto. Um Baile de Inverno. Um garoto da sua turma de matemática. As mãos dele eram úmidas. O hálito cheirava a pretzel. Ele foi embora com os amigos. Ela teve de telefonar para que a mãe fosse buscá-la.

Esse é diferente, ela diz a si mesma. Aquele era um menino esquisito, este é um rapaz. Tem dezoito anos. É popular. Qualquer garota da escola iria querê-lo. *Olhe só a foto dele!* E o rapaz vai sair com *ela!*

– A que horas você vai voltar? – pergunta Lorraine, levantando a cabeça, sentada no sofá. A taça de vinho está quase vazia.

– Hoje é sexta-feira, mãe.

– É só uma pergunta.

– Não sei, está bem?

Lorraine esfrega as têmporas:

– Não sou sua inimiga, meu bem.

– Eu não disse que *era*.

Sarah consulta o relógio. Não pode se atrasar.

Oito e meia! Oito e meia!

Tira o casaco do armário.

Victor está nervoso.

Tamborila na escrivaninha, aguardando a ligação do Departamento de Pesquisas. A voz de Grace soa pelo interfone.

- Meu bem, você está com fome?
- Um pouco.
- Que tal uma sopa?

Victor olha pela janela. A cobertura em Nova York é uma das cinco residências que eles possuem. As outras quatro ficam na Califórnia, no Havaí, nos Hamptons e na região central de Londres. Depois do diagnóstico de câncer, ele não esteve em qualquer uma delas.

- Sopa está ótimo.
- Vou levá-la para você.
- Obrigado.

Desde que descobriram a doença, Grace tem sido mais gentil, mais meiga e paciente. Eles têm quarenta e quatro anos de casados. Nos últimos dez, viveram mais como colegas de quarto.

Victor pega o telefone, para ver como está indo a pesquisa. Mas, quando Grace entra com a sopa, ele desliga.

Dhor e Alli puseram suas poucas posses num burro e foram morar no planalto serrano.

Decidiram que os filhos estariam mais seguros com os pais de Dhor. Alli ficou arrasada. Por duas vezes, fez Dhor voltar, só para poder abraçá-los. Quando a filha mais velha perguntou “Agora sou eu a mãe?”, Alli se desfez em prantos.

A nova moradia era pequena, construída com feixes de junco. Era frágil para resistir ao vento e à chuva. Sozinhos, sem família, o casal contava apenas um com o outro. Plantavam o que podiam, pastoreavam ovelhas e uma só cabra, e racionavam a água obtida nas longas viagens ao grande rio.

Dhor continuou a fazer suas medições, usando ossos, varetas, o sol, a lua e as estrelas. Era a única coisa que lhe permitia sentir-se produtivo. Alli tornou-se retraída. Uma noite, Dhor a viu abraçando a manta do filho e olhando fixamente para o chão.

De vez em quando, o pai de Dhor lhes levava comida, por insistência da esposa, e a cada visita falava da torre de Nim, de como estava alta, e contava que a construção era feita com madeira de pinheiro e que o reboco de barro vinha de Shinar.

Certa ocasião, Nim subiu quase até o topo da torre, disparou uma flecha para o céu e afirmou que, quando ela caiu, havia sangue na ponta. O povo se curvou diante dele, acreditando que o rei tinha ferido os deuses. Em breve, ele e seus melhores guerreiros chegariam às nuvens, derrotariam o que quer que os esperasse, e governariam lá de cima.

– Ele é um rei grande e poderoso – disse o pai de Dhor.

Dhor abaixou a cabeça. Nim era a razão de eles estarem vivendo no exílio. A razão pela qual ele não podia abraçar seus filhos todas as manhãs. Pensou em sua vida de menino, ele, Nim e Alli correndo pelas montanhas. Para ele, Nim era apenas outro homem, na verdade ainda um menino, sempre querendo ser o mais forte.

– Obrigado pela comida, pai – disse Dhor.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



[facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br